

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



Pele: ruídos nas comunicações afetivas e sociais

Skin: noise in emotional and social communication

Neilson Xavier de Brito¹

Resumo

“A pele pode ser considerada um ‘lugar’ de paradoxos. Ao mesmo tempo é superfície e profundidade, dentro e fora, é intercâmbio com o mundo”. Considerando-se o corpo como um “espelho social”, a pele é invólucro desse corpo, cuja imagem está relacionada com a pele. Por isso, cuidar da pele significa cuidar de tudo. Estando ligada à imagem, a pele também sofre os efeitos da cultura da mídia. A pele ainda poderá adoecer clinicamente, trazendo em si, especialmente quando esse adoecimento é crônico, problemas de autoestima e relacionais. Portanto, esse artigo tem por objetivo apresentar conceitos sobre a pele e sua relação com a psique. Refletir sobre a ação da mídia e da religião diante das questões traumáticas envolvendo a pele e evocar a mídia como poder positivo na quebra de paradigmas estéticos que auxilie na autoestima.

Palavras-chave: Pele. Mídia. Religião. Autoestima.

Abstract

The skin can be considered a 'place' of paradoxes. At the same time it is surface and depth, inside and outside, is sharing with the world. Considering the body as a "social mirror", the skin is the enclosure of that body, whose image is related to the skin. Therefore, skin care means taking care of everything. Being connected to image, the skin also suffers the effects of media culture. The skin may also become clinically ill, bringing in itself - especially when the illness is chronic - self-esteem and relational problems. Therefore, this article has the goal of presenting concepts about the skin and its relationship with the psyche. To reflect upon the action of media and religion in the face of traumatic issues involving the skin and to evoke the media as a positive power in breaking aesthetic paradigms that helps self-esteem.

Keywords: Skin. Media. Religion. Self-esteem.

¹ Pós-graduação em Aconselhamento pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestrado Profissional em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Doutorando em Teologia – Teologia Prática pelas Faculdades EST- São Leopoldo – RS.

Considerações Iniciais

Domenico de Masi em sua obra *O Futuro chegou – Modelos de vida para uma sociedade desorientada* aponta para uma incongruência entre o desenvolvimento ocidental e a felicidade. Partindo do pressuposto de que não há progresso sem felicidade, conclui que “o mundo não é feliz porque oscila entre desorientação e medo, afastando-se cada vez mais da miragem das revoluções burguesas e proletárias que explodiram em nome de igualdade, equidade, liberdade e solidariedade.”² Reconhece ainda, que “o que está em crise não é a realidade, mas, sim, a nossa maneira de interpretá-la e os nossos modelos”³, querendo com isto dizer, que a nossa percepção está comprometida por conta um olhar extremamente voltado para “si mesmo”.

O Ocidente, de certa maneira, vive uma busca intensa pela felicidade, onde o mais fraco sucumbirá ao mais forte, e aquele que está fora dos padrões estabelecidos, se torna como que, um cidadão espúrio da sociedade, erando uma imensa onda de intolerância. Sobre isso, Zygmunt Bauman afirma:

Um dos sintomas mais evidentes da ‘sociedade líquida’ em que vivemos é a intolerância da massa social diante de tudo aquilo que de alguma maneira se considera como desvio de conduta ou que destoa dos padrões vigentes. Todo tipo de comportamento ou modo de ser que supostamente não se coaduna com nossos princípios particulares torna-se digno de nosso mais terrível desprezo, pois no fundo queremos ver estampado no rosto do ‘outro’ um pouco daquilo que nós mesmos somos. Tudo aquilo que se expressa como “diferente” diante de nossos olhos é imputado enfaticamente como “extravagante”, merecendo assim a nossa reprovação imediata e o convite ostensivo a adequar-se aos nossos conservadores parâmetros axiológicos⁴.

Toda insatisfação motivada por essa busca de felicidade e realização causa danos para o senso de plenitude humana. Drummond de Andrade poetizando sobre *As Contradições do Corpo*, verseja dizendo: “O meu corpo não é meu, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me e é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta.”⁵ Note-se que apesar da supervalorização do eu/individualismo, a autovalorização desse “eu” está ligada à influência midiática. Observe-se ainda Drummond, no poema *Canções de Alinhavo*,

² DE MASI, Domenico. *O Futuro Chegou – Modelos de vida para uma sociedade desorientada*. Trad. Marcelo Costa Sievers. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 17.

³ DE MASI, 2014, p. 17.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 15.

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Posfácio Maria Esther Maciel. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 11.

quando afirma “o problema não é inventar. É ser inventada hora após hora e nunca fica pronta a NOSSA edição convincente.”⁶

Douglas Kellner, na introdução de sua obra *A cultura da mídia*, enfocando o poder de indução midiática afirma que:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, denominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade [...] A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. Ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral [...] A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global⁷.

A partir dessa cultura de massa, a pele, especialmente pela ênfase estética, sofre inúmeros reveses, especialmente quando a pele adoece, causando “ruídos” na comunicação afetiva e social. Muitos, a partir das doenças que afloram à pele, começam a experimentar - rejeição social e afetiva, comprometendo assim, a autoestima. Alguns conseguem superar os preconceitos causados pelo adoecimento da pele⁸, mas outros, entretanto, não conseguindo superar os preconceitos, “se fecham em copas”, isto é, o indivíduo se torna silencioso, calado.

A modelo canadense, porta-voz e ativista Chantelle Winnie, portadora de vitiligo, em entrevista ao UOL Moda⁹, mesmo considerando os padrões extremos de beleza estabelecidos pela indústria da moda, resolveu quebrar tabus e mostrar que a diversidade também é possível. Sobre sua luta, enfrentamento de *bullying* e preconceito racial e estético, afirma que “precisei de muito tempo para construir dentro de mim a força e a coragem necessária para subir em uma passarela e me sentir poderosa [...] Acredito que as maiores batalhas que se tem na vida, são as que acontecem dentro de nós – autoaceitação.”

⁶ ANDRADE, 2015, p. 62.

⁷ KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia* – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001, p. 9.

⁸ Adoecimento da pele: refere-se às alterações clínicas da pele. (dermatoses/psicodermatoses) Suas lesões crônicas, as identificadas ou as de origem psicossomática, e suas limitações causam ruídos na comunicação social e afetiva.

⁹ COLOMBO, Patrícia. *Após sofrer bullying, modelo com vitiligo quebra barreira no mundo da moda*. Estilo de Vida/Moda UOL. São Paulo: 2014. Disponível em: <estilo.uol.com.br/moda/.../após-sofrer-bullying-modelo-com-vitiligo 23/10/2014>. Acesso em: 30 jun. 2016.

Entretanto, a história de Chantelle é talvez a história de uma minoria que superam problemas com a pele.

Por isso, faz-se necessário ampliar a compreensão da temática através de conceitos e a relação dessa pele com a alma humana, bem como a influência da mídia e da religião nessa questão específica e o recurso da mídia como fator positivo para a auto aceitação.

A pele e a sua relação com a psique

Em muitas situações é possível se perceber a ideia de “pele” associada ao conceito de pessoa/indivíduo. Em alguns textos ou até mesmo nas expressões do dia-a-dia não se percebe claramente, se pele tem a ver com a derme ou com o indivíduo enquanto pessoa.

Curzio Malaparte, pseudônimo de Kurt Erich Suckert, filho de pais ítalo-alemães, que viveu as agruras da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, em sua obra *A Pele*¹⁰ (1949), deixa transparecer a crueldade e as atrocidades da guerra, e especialmente a situação de Nápoles após a saída das tropas nazistas e fascistas em 1943. O texto também revela certa incompreensão americana em perceber uma Europa combalida pela guerra, que Malaparte adjetiva através da palavra alemã *Kaputt*¹¹. Sobre essa relação eu-pele evoque-se este diálogo:

A nossa pele, esta maldita pele. O senhor não imagina sequer de que é capaz um homem, de que heroísmos e infâmias é capaz para salvar a pele. Esta pele, esta pele suja, está a ver? [...] Tempo houve em que se sofria a fome, a tortura, os mais terríveis padecimentos, se matava e se morria, se sofria e se fazia sofrer, para salvar a alma, para salvar a própria alma e a dos outros. Era-se capaz de qualquer grandeza e de qualquer vilania para salvar a alma. Não só a própria alma, mas também a dos outros. Hoje sofre-se e faz-se sofrer, mata-se e morre-se, realizam-se feitos maravilhosos e feitos horrendos, já não para salvar a própria alma, mas para salvar a própria pele. Supomos lutar e sofrer pela própria alma, mas, na realidade, lutamos e sofremos pela própria pele, apenas pela própria pele. O resto não conta. É-se herói, hoje, por bem pouca coisa! Por uma coisa feia. A pele humana é uma coisa feia. Veja. É uma coisa suja. E pensar que o mundo está cheio de heróis prontos a sacrificar a própria vida por uma coisa assim!¹²

¹⁰ Para melhor conhecimento da obra: MARQUES, Carla Santos. *A representação do mundo em agonia*: Curzio Malaparte – o escritor-repórter. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitsream/.../dissertacao%20mestrado_CarlaMarques.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹¹ Pequena palavra alemã que significa “estragada”, “quebrada”, “destruída”.

¹² MALAPARTE, Curzio. *A pele*. Trad. Alexandre O’Neill. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985, p. 113.

A relação psíquica e fisiológica da pele é vivenciada no dia a dia. Identificar a pele com o “eu”, não é algo simplesmente literário ou poético, mas segundo Montagu, “a pele é o espelho do funcionamento do organismo [...] Espelho de nossas paixões e emoções.”¹³

Ainda para Montagu, “na qualidade de órgão do sentido mais antigo e extenso do corpo, a pele permite que o organismo aprenda o que é seu ambiente. A pele e todas as suas partes diferenciadas são o meio pelo qual o mundo externo é percebido.”¹⁴ Por isso, o referido autor em sua primeira edição (1971), afirma que a pele “enquanto órgão, o maior do corpo, esteve até bem recentemente muito negligenciada.”¹⁵ Pensar sobre a pele apenas como invólucro do corpo é desprezar a sua importância nas relações afetivas e sociais.

Anzieu, em sua obra *Le Moi-peau*, traduzida para o português com o título de *O Eu - Pele*¹⁶ defende que “o psicofisiologista tende a reduzir o corpo humano ao sistema nervoso e ao comportamento programado pela recepção, análise e síntese das informações.”¹⁷ Considerando a complexidade do eu – pele, afirma ainda que “a complexidade anatômica, fisiológica e cultural, apenas antecipa no plano do organismo a complexidade do eu – pele no campo psíquico.”¹⁸ Desta forma, não se pode ignorar a pele como meio sensorial e psíquico de contato com o mundo. Por isso, Anzieu estabelece de tal forma a importância da pele ao afirmar que “é o mais vital dos órgãos dos sentidos, pois pode – se viver cego, surdo, sem paladar e sem olfato, mas sem a integridade da maior parte da pele não se sobrevive.”¹⁹

A importância da pele, segundo Montagu, está embasada no fato de que “após o nascimento, a pele é convocada a constituir muitas respostas adaptativas novas a um meio ambiente ainda mais complexo do que aquele ao qual esteve exposta até então, no útero.”²⁰ Dessa ideia, partilham Fonseca e Winograd ao afirmarem que: “Do corpo originam sensações externas e internas, como prazer, dor, tato e sons, desde os primórdios da vida.

¹³ MONTAGU, Ashley. *Tocar: O Significado Humano da Pele*. Trad. Maria Sílvia Mourão Netto. 6 ed. São Paulo: Summs, 1988, p. 30.

¹⁴ MONTAGU, 1988, p. 23.

¹⁵ MONTAGU, 1988, p. 15.

¹⁶ ANZIEU, Didier. *O eu-pele*. Trad. Zakie Yazigi Rizkallah e Rosaly Mahfuz. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

¹⁷ ANZIEU, Didier. *Le moi-peau*. Paris-FR: Bordas, 1985, p. 3. “Le psychophysiologiste tend à réduire le corps vivente au système nerveux et le comportement aux activités cérébrales qui le programmeraint par recueil, analyse e synthèse des informations.” (Tradução nossa)

¹⁸ ANZIEU, 1985, p. 13. “Sa complexité anatomique, physiologique et culturelle antecipe sur plan de l’organisme la complexité du Moi sur le plan psychique.” (Tradução nossa)

¹⁹ ANZIEU, 1985, p. 13. “De tous les organes de sens, c’est le plus vital: on peut vivre aveugle, sourd, privé de goût et d’odorat. Sans l’intégrité de la majeure partie de la peau, on ne survit pas.” (Tradução nossa)

²⁰ MONTAGU, 1988, p. 25.

As sensações corporais, oriundas de experiências e vivências de prazer e desprazer, tornam-se primordiais na constituição do eu.”²¹

Pelo que foi observado até agora, “corpo e o eu” estão correlacionados, onde o psiquismo está presente. Freud (1923), em seus conceitos fundantes sobre o ego²² considerava que “o ego é antes de tudo, um ego corporal”²³ e que “o ego deriva em última instância das sensações corporais, principalmente daquelas que têm sua fonte na superfície do corpo (pele).”²⁴

Diante do exposto, sugerem-se duas indagações: como tratar as questões de adoecimento da pele? Qual a sua relação com a mídia e a religião?

Mídia, religião e o adoecimento da pele

A partir dos autores citados, reconhece-se o corpo como “espelho social” e a pele como o invólucro desse “espelho”. A questão que se apresenta então é a do adoecimento da pele e suas implicações na comunicação social e afetiva. Segundo Maylysse, ao observar a antropologia do corpo, como tratar de algumas questões do pensar no corpo e suas imagens?

Se a antropologia visual nos auxilia com metodologias multidisciplinares que inventariam as lógicas sociais e culturais que se encontram na corporalidade humana, pois o corpo apresenta – se como um ‘espelho social’. Se o corpo é um ‘espelho social’, como interpretar suas imagens? Como pensar as relações contextuais que se estabelecem entre o visual, o corporal e o visual?²⁵

Então, pensar no adoecimento da pele, apenas do ponto de vista clínico, seria uma visão simplista do problema, uma vez que esse adoecimento envolve a imagem. Com isso, percebe-se a importância da pele na formação da imagem corporal, “pois oferece

²¹ FONSECA, Pétria Moreira; WINOGRAD, Monah. *A dimensão corporal na constituição subjetiva*. 2014. Disponível em: <www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/.../99.1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²² Ego- Termo utilizado por Freud, para o “eu” caracterizado como uma instância ao lado do *id* e do *superego* tem como função produzir uma relação com o mundo externo com *superego e id*, dominar as pretensões e riscos destes fatores da realidade e intermediar entre estes fatores. Fonte: DORSH, Friedrich *et al.* *Dicionário de Psicologia de Dorsch*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009, p. 352.

²³ FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 238.

²⁴ FREUD, 1987, p. 238.

²⁵ MAYLYSSE, S. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto. In: LYRA, B.; WILTON, G. (Orgs.). *Corpo & Imagem*. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002, p. 67-74.

sentimento de unidade, de constituição e apoio ao sentimento de ego.”²⁶ Também Dias, considerando que “é a partir da pele e através dela que iniciamos nosso contato com o mundo externo”²⁷ afirma que:

As manifestações aparentes da pele não podem, em geral, ser disfarçadas: a emoção como manifestação física tem na pele um meio de expressão; os registros de experiências vividas estão ali colocados, na forma de cicatrizes; as lesões de uma doença marcam o espaço de uma ferida física e, por que não dizer, psíquica, tomando a pessoa como uma totalidade psicossomática²⁸.

Se a pele tem uma grande parcela de contribuição na comunicação com o externo e também com o interno a partir das emoções, certamente o “eu-pele” sofrerá o impacto causado pela mídia. Segundo Freire, “a comunicação permeia todo o processo de evolução humana e baseia todos os tipos de relações psicossociais que conhecemos.”²⁹ Ainda o mesmo autor, afirma que a comunicação “é indispensável para a sobrevivência dos seres humanos e para a formação e coesão de comunidades, sociedades e culturas.”³⁰

Partindo do conceito de que “comunicar é tornar algo comum, os seres vivos criam processos simbólicos para que possam se comunicar.”³¹ Essa comunicação é feita a partir de símbolos, e nesse particular, a pele é um símbolo³² e comunicar esse símbolo significa “gerar, receber e transmitir uma informação através de uma mídia que serve de canal para determinada mensagem.”³³ Reconhece-se aqui, então, uma relação inequívoca entre símbolo e mídia, mas também, ruídos na comunicação a partir do adoecimento da pele.

Sobre mídia, evoque-se o pensamento de Kellner:

²⁶ DIAS, Hericha Zogbi J. *et al.* Relações visíveis entre a pele e psiquismo: Um entendimento psicanalítico. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 19, no.2, p. 23-34, 2007, p. 27. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a02v19n2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

²⁷ DIAS, 2007, p. 27.

²⁸ DIAS, 2007, p. 27.

²⁹ FREIRE, Marla; CAMINHA, Rakel A. A. Bastos; SILVA, Liliansa Rodrigues da. *Os ruídos comunicacionais na Pós-Modernidade: barreiras pessoais, físicas e semânticas para uma comunicação efetiva.* 2015, p. 1-3. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/r44-0360.1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

³⁰ FREIRE; CAMINHA; SILVA, 2015, p.3.

³¹ FREIRE; CAMINHA, SILVA, 2015, p. 3.

³² Símbolo: Sinal, índice, representação de sentido, que exprime uma determinada significação que é perceptível, não sem conhecimento do contexto, ou que está até por um sentido secreto. Transforma o fenômeno em ideia, a ideia em imagem e de maneira que na imagem a ideia se torna sempre infinitamente ativa e permanece inalcançável. Fonte: DORSCH, 2009, p. 878-879.

³³ FREIRE; CAMINHA; SILVA, 2015, p. 3.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que forjam suas identidades [...] fornece o material que cria identidades pelas quais os indivíduos se inserem na sociedade³⁴.

A mídia estabelece uma cultura de massa a qual determina um padrão estético para a pele. Pergunta-se então: haveria espaço midiático para os que sofrem do adoecimento da pele?

Neder, em sua obra *A Revolução das 7 mulheres*, ao tratar do valor da beleza, registra que “cuidar da pele significa cuidar de tudo [...] e que estão atentas às consequências das variações emocionais da pele”³⁵, e faz citação da atriz Irene Ravache que coloca a pele em primeiro lugar uma vez que os “seus” cabelos pertencem à personagem que interpreta³⁶.

O adoecimento da pele afeta a imagem e autoimagem, pois sendo o invólucro do corpo – “espelho social”, começa a estabelecer barreiras ou ruído - problemas que interferem na comunicação. Ainda segundo Freire, várias barreiras/ruídos afetam efetivamente a comunicação, tais como: “fatores pessoais como personalidade, estado de espírito, emoções, movimento corporal, aparência, etc.”³⁷ Aqui surge um aspecto primordial que envolve o adoecimento da pele – a aparência. Uma vez que, a mídia estabelece padrões, estéticos para pele, e até certo ponto extremos, qualquer um que esteja fora desses padrões poderá enfrentar preconceito.

Sobre o preconceito, Cícero Pereira numa referência às obras de Allport e Jones³⁸, define preconceito como:

Uma atitude negativa em relação a uma pessoa, baseado na crença de que ela tem características negativas atribuídas a um grupo [...] Essa atitude seria constituída por dois componentes: um cognitivo – a generalização categorial e uma disposicional – a hostilidade que influenciaria comportamentos discriminatórios³⁹.

³⁴ KELLNER, 2001, p. 9.

³⁵ NEDER, Márcia. *A Revolução das 7 Mulheres*. Os sete perfis que representam a geração 50+,60+ que está reinventando a maturidade. São Paulo: Editora SENAC, 2015, p. 201.

³⁶ NEDER, 2015, p. 202.

³⁷ FREIRE; CAMINHA; SILVA, 2015, p. 7.

³⁸ Obras citadas por Cícero Pereira; Ana Raquel Rosa Torres; Saulo Teles de Almeida são: 1. ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954; e 2. JONES, J. M. *Prejudice and racism*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1972.

³⁹ PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosa; ALMEIDA, Saulo Teles de. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais; Análise da Influência de um discurso justificador da discriminação

Sobre essa atitude negativa em relação à pessoa humana, a atriz Graziella Moretto, que possui um hemangioma⁴⁰ (mancha de nascença) que cobre 40% do rosto, diante da luta vivenciada pela autoimagem, afirma que:

Mesmo com todo apoio e aceitação, vivi momentos de baixa autoestima por ter um hemangioma, em diferentes fases da minha vida. Em determinadas situações sofri preconceito real, porém, a sensação de ser observada por ser diferente já é suficientemente constrangedora. A última coisa que você deseja é ser notada [...] Quando você está construindo a sua autoimagem na infância e juventude, e olha para todos os modelos e referências disponíveis e não encontra ninguém como você, é algo que dá muita solidão⁴¹.

Compare-se aqui, a ideia de Kellner de que “a cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as”⁴² com a realidade midiática em que se nota ausência da imagem de pessoas que sofrem com o adoecimento da pele nos vários meios de comunicação social.

Outra questão agravante na geração de preconceito quanto ao adoecimento da pele, está na relação doença-pecado dogmatizada por algumas religiões/sagrado. Segundo Revel e Peter, “a doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social.”⁴³ Mesmo numa sociedade pós-moderna, há quem atribua à doença, causas metafísicas, reforçando assim a ideia de preconceito, contribuindo para a segregação das pessoas que foram “desorganizadas” pelo adoecimento da pele e “reorganizada” a partir de estigmas, num dualismo entre a compaixão e a exclusão.

Para Rückert, a enfermidade (do latim *infirmus* – não firme):

Aponta para fragilidade e transitoriedade humanas. Experimentada como ameaça à integridade física e à perspectiva existencial [...] Saúde e doença adquirem na Bíblia, uma dimensão religiosa. A saúde era considerada benção de Deus. As doenças eram temidas e causavam sofrimento⁴⁴.

no preconceito racial. *Psicologia e Crítica*, 2003, p. 97. Disponível em: <www.scielo.br/php/script=sci_arttex&pid=so102-79722003000100010>. Acesso em: 19 jul. 2016.

⁴⁰ Lesão congênita benigna dos vasos sanguíneos que se traduz pela deformação nas estruturas vasculares. Tumores, em geral benignos formados por capilares dilatados. Quando na pele, se observa manchas vermelhas ou escuras.

⁴¹ Entrevista concedida a: SARTORI, Simone. *Atriz global fala sobre mancha no rosto: “enfrentei preconceitos”*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/atriz-global-fala-sobre-mancha-no-rostoenfrentei-preconceitos,f058430f5de27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁴² KELLNER, 2001, p. 307.

⁴³ REVEL, J; PETER, J. P. O corpo: o homem doente e sua história. In: Le GOFF, J.; NORA, P. (Eds.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 144.

⁴⁴ RÜCKERT, Maria Luíza. *Enfermidade*. In: BOTELHO FILHO, Fernando (Ed.) *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008, p. 348-350.

No imaginário popular religioso, incluindo os judaico-cristãos, a associação da doença como punição, não é uma crença estranha. Para Stern, “entre os hebreus, inúmeras passagens bíblicas demonstram Javé usando a doença como castigo. (Ex 9.1-7; Nm 12)”⁴⁵ Ainda Stern apresenta o pensamento de Ngokwey afirmando que, em relação à doença, “o domínio sobrenatural consiste em seres espirituais e atos mágicos que se acredita influenciarem a saúde. Entidades espirituais como Deus, orixás e espíritos dos mortos podem tanto provocar doenças quanto promover a saúde.”⁴⁶

Considere-se aqui, o fato de que o preconceito a ser enfrentado pelos que têm a pele adoecida pode não ser restrito apenas à imagem/estética, mas também ao estigma de punição do sagrado. Entretanto, contra o preconceito, evoque-se o pensamento de Kellner de que “o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, e criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando sua própria cultura para fortalecer-se e inventar significados, identidade e formas de vida própria.”⁴⁷

A mídia e o sagrado como estímulo no processo de construção da autoimagem

Reafirme-se o adoecimento da pele como uma barreira/ruído na comunicação entre às pessoas. Entretanto, Mousinho, em artigo sobre *Ruído, dialogismo e informação*, observa que “o ruído é frequentemente usado para despertar a atenção no discurso publicitário [...] servindo de maneira criativa para gerar efeito persuasivo, objetivo do discurso publicitário.”⁴⁸

Kellner, quando articula sobre *Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna* onde compreende que “a identidade pós-moderna, então, é constituída teatralmente pela representação de papéis e pela construção de imagens [...] e está centrada na aparência, na imagem e no consumo.”⁴⁹ Compreende, ainda, que essa cultura midiática “põe à disposição imagens e figuras com as quais o público possa identificar-se, imitando-as [...] exerce importantes efeitos socializantes e culturais por meio de seus

⁴⁵ STERN, Fábio Leandro. *As diferentes formas de se explicar a origem da doença pela religião*. 2014, p. 225. Disponível em: <s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37460290/Stern-As_diferentes_formas_de_se_explicar_a_origem_da_doença_pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁴⁶ NGOKWEY, Ndolamb. Pluralistic etiological systems in their social context: a Brazilian case study. *Social Science & Medicine*, Inglaterra, vol. 26, no. 8, 1988, p. 224.

⁴⁷ KELLNER, 2001, p. 11.

⁴⁸ MOUSINHO, Luiz Antônio. *Ruído, dialogismo, informação*. 2005, p. 7-8. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pg/mousinho-luiz-ruído-dialogismo-informacao.pdf>. Acesso: 10 jul. 2016.

⁴⁹ KELLNER, 2001, p. 311.

modelos de papéis, sexo e por meio das várias posições do sujeito.”⁵⁰ A partir desses conceitos, crê-se que inserção de “adoecidos da pele” na mídia produzirá um efeito positivo na construção da autoimagem daqueles que passam pela mesma limitação.

Ao refletir sobre *O papel da mídia na difusão das Representações Sociais*⁵¹, Alexandre compreende que:

A comunicação, sob a perspectiva da representação social, é o fenômeno pelo qual uma pessoa influencia ou esclarece outra que, por sua vez, pode fazer o mesmo em relação à primeira. Seus elementos básicos são o emissor, o receptor, a mensagem o código e o veículo [...] É um fenômeno básico de influência recíproca. Ela faz parte de um processo mais amplo de informação⁵².

Portanto, a partir dos vários conceitos expostos, compreende-se que a mídia, aqui denominada de positiva, pode auxiliar na construção das representações sociais. A cultura de massa pode ser usada para estimular a autoestima/autoimagem a partir das diferenças – dos estigmatizados pelos problemas da pele.

Outro fator que pode ser usado positivamente na construção da autoimagem é a religião/sagrado. No artigo *O papel da experiência religiosa no enfrentamento de aflições e problemas de saúde*, as autoras afirmam que:

Mesmo em uma sociedade secularizada, regida por padrões de cientificidade e racionalidade, não restam dúvidas de que a religião ainda é o *locus* privilegiado de experiência com o sagrado. A busca por contextos religiosos em momentos de aflição parece demonstrar que a fé contribui para o estabelecimento de uma sensação de coerência e controle da vida, o que, por sua vez acaba afetando positivamente o estado de saúde das pessoas⁵³.

Dalgarrondo enfatiza um “certo consenso entre cientistas sociais, filósofos e psicólogos sociais de que a religião é uma importante instância de significação e ordenação

⁵⁰ KELLNER, 2001, p. 317.

⁵¹ Representações Sociais, segundo Serge Moscovici referem-se “ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. [...] as representações de um objeto social passam por um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais do cotidiano do mundo moderno.” Fonte: ALEXANDRE, Marcos. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Rio de Janeiro, vol. 6, no. 17, jul./dez. 2001, p. 111-112. Disponível em: <www.sinpro-rio.org/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula-.../opapel.pdf>. Acesso: 08 jul. 2016.

⁵² ALEXANDRE, 2001, p. 118.

⁵³ MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bonfim; VILLAS BOAS, Maria José Villares Barral. O papel da experiência religiosa no enfrentamento das aflições e problemas de saúde. *Interface*, vol. 16, no. 42, p. 665-675, jul./set. 2012, p. 673. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n42/v16n42a07.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

da vida, seus reveses e sofrimentos.”⁵⁴ Se a partir da psicossomática, pensar-se a doença como “um símbolo através do qual a nossa alma se expressa”⁵⁵, será possível, perceber a doença não apenas na visão da clínica médica. A enfermidade também consegue alterar o próprio ciclo da vida, isto é, a história da vida. Nesse aspecto, Sather-Rosa afirma que “a história é o palco das ações de cuidado pastoral.”⁵⁶ Diante dessa “história”, recorre-se a Collins quando afirma que “precisamos ter uma preocupação compassiva com as pessoas em todos os seus aspectos. Separar as partes física, psicológica, social e espiritual de uma pessoa é ao mesmo tempo antibíblico, além de impedir um ‘cuidado’ eficaz com os doentes e suas famílias.”⁵⁷

Considerações Finais

Este artigo buscou apresentar uma relação, nem sempre perceptível para alguns, entre a pele e o psiquismo. É uma tentativa de interrogar o corpo e decifrar sua linguagem. Retoma-se então, o pensamento de Coutinho, de que “a pele pode ser considerada um lugar de ‘paradoxos’. Ao mesmo tempo é superfície e profundidade, dentro e fora, é intercâmbio com o mundo.”⁵⁸ Tal contradição necessita ser percebida para que se dê à pele a relevância necessária. Pode-se afirmar que a pele é “o grande palco” da comunicação com o mundo exterior e o psiquismo, no qual se interpreta, se filtra o prazer e o desprazer do toque. Daí a importância de conhecer seus conceitos e sua relação com a psique.

Essa pele, que Anzieu denomina de “eu-pele” sofre os efeitos da cultura da mídia, segundo o padrão estético pré-estabelecido como modelo padrão. A questão é que alguns fogem desse ‘modelo’ em função do adoecimento da pele, comprometendo sua comunicação social e afetiva, trazendo à tona o preconceito. Essas barreiras/ruídos são reforçadas pela mídia – cultura de massa e pela religião/sagrado, quando associadas a punição ou castigo. Finalmente, procurou-se apresentar a mídia e a religião como estímulo ao processo de auto aceitação e autoimagem. Essa mudança de paradigma nas

⁵⁴ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 16.

⁵⁵ GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *A saúde como Tarefa Espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 20.

⁵⁶ SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: uma hermenêutica contemporânea*. São Paulo: ASTE, 2004, p. 15.

⁵⁷ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão – Edição Século 21*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 404.

⁵⁸ COUTINHO, Elen Nogueira Lima. *As Variâncias do Corpo: Uma leitura psicanalítica sobre as modificações corporais*. 2011, p. 65. Disponível em: <www.2.dbb.puc-riobr/pergamum/tesesabertas/0912440_2011_cap_3.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

representações sociais foi denominada de ‘mídia positiva’. Um novo conceito de representação social resultará numa nova aprendizagem do eu-externo-eu. Por outro lado, a religião através do “cuidado” auxiliará os “adoecidos da pele” no enfrentamento/confrontamento dessa realidade - a pele lesionada ou, na linguagem de Dias, “esse rasgo, esse corte marcadamente simbólico da ruptura com o outro fusionado.”⁵⁹

Referências

ALEXANDRE, Marcos. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Rio de Janeiro, vol. 6, no. 17, jul./dez. 2001. Disponível em: <www.sinpro-rio.org/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula-.../opapel.pdf>. Acesso: 08 jul. 2016.

ALLPORT, G. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Posfácio Maria Esther Maciel. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANZIEU, Didier. *Le moi-peau*. Paris-FR: Bordas, 1985.

_____. *O eu-pele*. Trad. Zakie Yazigi Rizkallah e Rosaly Mahfuz. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão – Edição Século 21*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COLOMBO, Patrícia. *Após sofrer bullying, modelo com vitiligo quebra barreira no mundo da moda*. Estilo de Vida/Moda UOL. São Paulo: 2014. Disponível em: <estilo.uol.com.br/moda/.../após-sofrer-bullying-modelo-com-vitiligo-23/10/2014>. Acesso em: 30 jun. 2016.

COUTINHO, Elen Nogueira Lima. *As Variâncias do Corpo: Uma leitura psicanalítica sobre as modificações corporais*. 2011. Disponível em: <www.2.dbb.puc-riobr/pergamum/tesesabertas/0912440_2011_cap_3.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DE MASI, Domenico. *O Futuro Chegou – Modelos de vida para uma sociedade desorientada*. Trad. Marcelo Costa Sievers. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

⁵⁹ DIAS, 2007, p. 28.

DIAS, Hericha Zogbi J. *et al.* Relações visíveis entre a pele e psiquismo: Um entendimento psicanalítico. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 19, no.2, p. 23-34, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a02v19n2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DORSH, Friedrich *et al.* *Dicionário de Psicologia de Dorsch*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FONSECA, Pétria Moreira; WINOGRAD, Monah. *A dimensão corporal na constituição subjetiva*. 2014. Disponível em: <www.fundamentalpsycopathology.org/uploads/files/.../99.1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FREIRE, Marla; CAMINHA, Rakel A. A. Bastos; SILVA, Liliana Rodrigues da. *Os ruídos comunicacionais na Pós-Modernidade: barreiras pessoais, físicas e semânticas para uma comunicação efetiva*. 2015. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/r44-0360.1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *A saúde como Tarefa Espiritual*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JONES, J. M. *Prejudice and racism*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1972.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

MALAPARTE, Curzio. *A pele*. Trad. Alexandre O’Neill. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

MARQUES, Carla Santos. *A representação do mundo em agonia: Curzio Malaparte – o escritor- repórter*. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/.../dissertacao%20mestrado_CarlaMarques.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MAYLYSSE, S. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto. In: LYRA, B.; WILTON, G. (Orgs.). *Corpo & Imagem*. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: O Significado Humano da Pele*. Trad. Maria Sílvia Mourão Netto. 6 ed. São Paulo: Summs, 1988.

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bonfim; VILLAS BOAS, Maria José Villares Barral. O papel da experiência religiosa no enfrentamento das aflições e problemas de saúde. *Interface*, vol. 16, no. 42, p. 665-675, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n42/v16n42a07.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

MOUSINHO, Luiz Antônio. *Ruído, dialogismo, informação*. 2005. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pg/mousinho-luiz-ruído-dialogismo-informacao.pdf>. Acesso: 10 jul. 2016.

NEDER, Márcia. *A Revolução das 7 Mulheres*. Os sete perfis que representam a geração 50+,60+ que está reinventando a maturidade. São Paulo: Editora SENAC, 2015, p. 201.

NGOKWEY, Ndolamb. Pluralistic etiological systems in their social context: a Brazilian case study. *Social Science & Medicine*, Inglaterra, vol. 26, no. 8, 1988.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosa; ALMEIDA, Saulo Teles de. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais; Análise da Influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia e Crítica*, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/php/script=sci_arttex&pid=so102-79722003000100010>. Acesso em: 19 jul. 2016.

REVEL, J; PETER, J. P. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Eds.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RÜKERT, Maria Luíza. Enfermidade. In: BOTELHO FILHO, Fernando (Ed.) *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

SARTORI, Simone. *Atriz global fala sobre mancha no rosto: “enfrentei preconceitos”*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/atriz-global-fala-sobre-mancha-no-rostto-enfrentei-preconceitos,f058430f5de27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: uma hermenêutica contemporânea*. São Paulo: ASTE, 2004.

STERN, Fábio Leandro. *As diferentes formas de se explicar a origem da doença pela religião*. 2014. Disponível em: <s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37460290/Stern-As_diferentes_formas_de_se_explicar_a_origem_da_doença_pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.